

## **A PSICODINÂMICA DO TRABALHO DAS PROFISSIONAIS DO SEXO**

**JULIANA CARVALHO DE SOUSA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)

**AGOSTINHA MAFALDA BARRA DE OLIVEIRA**

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO (UFERSA)

**ALINE FRANCILURDES NERY DO VALE**

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO (UFERSA)

# A PSICODINÂMICA DO TRABALHO DAS PROFISSIONAIS DO SEXO

## 1 INTRODUÇÃO

A prostituição é uma prática que envolve a associação da sexualidade com o trabalho, tendo em vista que o objeto de troca é o sexo, e este é ofertado em função do capital (Abreu, 2014, Csalog, 2021). Desse modo, a prostituição é encarada como um empreendimento comercial, cujo objetivo é a obtenção de capital, sendo concebida como o ato de ofertar o corpo em troca de dinheiro, uma relação de parâmetros globais ou locais pertencentes ao “Mercado do Sexo” ou “*Sex Industry*”, e incentivados pelos preceitos capitalistas (Abreu, 2017; Stone, 2019).

A história mostra que a prostituição persiste, mesmo diante das adversidades e dos preconceitos enfrentados por quem se insere nesse mercado de trabalho (Silva, 2013; Ayuste *et al.*, 2016; Vieira, De Almeida Praxedes e Nascimento, 2023). Nessa acepção, a lente de análise escolhida foi o contexto de trabalho, que envolve as condições de trabalho, as quais se relacionam com os elementos do ambiente de trabalho, subdivididos em físicos, químicos e biológicos, e envolvem questões como segurança e higiene no trabalho, remuneração, equipamentos, dentre outros; pela organização do trabalho, que envolve aspectos, como: divisão do trabalho, conteúdo das tarefas, níveis hierárquicos, relações de poder e divisão do trabalho; e pelas relações sociais, que se associam com vínculos sociais e interações hierárquicas (Dejours, 1992; Dejours, 1994; Mendes e Ferreira, 2008).

De modo geral, ainda são poucos os estudos que permeiam a temática do contexto de trabalho e prostituição (Sanders, 2018) como campo de investigação sendo consideradas temáticas pertinentes de perquirição. Assim sendo, a área da administração vem ganhando destaque nas pesquisas que permeiam o tema das dimensões de contexto contida na Psicodinâmica do Trabalho (Bueno e Macêdo, 2012; Blithe e Wolfe, 2017), tendo em vista que a administração é uma ciência multidisciplinar que perpassa pelo envolvimento da relação homem-trabalho e da objetividade-subjetividade. Desse modo, o objetivo da pesquisa consiste em analisar as dimensões de contexto que permeiam as vivências das profissionais do sexo pertencentes a casas noturnas.

Assim, esta pesquisa será estruturada em algumas seções, iniciando por esta introdução, no qual contextualiza a temática e retrata o objetivo e problemática que norteia o estudo; o referencial teórico, no qual, realiza-se um levantamento de autores e conteúdos acerca do objeto de estudo e lente teórica; a metodologia, que resgata o desenho da pesquisa e evidencia o passo-a-passo percorrido; os resultados e discussões, que concentram os *insights* obtidos empiricamente; e por fim, as considerações finais, evidenciando os principais resultados, relevância da pesquisa, limitação e sugestões para trabalhos futuros.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Estigmas e representações sociais das profissionais do sexo

Prostituição é “entregar-se à cópula sexual por dinheiro” (Houaiss e Villar, 2001, p. 2316). É fato que há um forte estigma que permeia o comércio do sexo, e este se concentra em quem vende tal serviço, não recaindo sobre quem consome (Barroso-Pavía, 2020; Pena e Silva, 2021). Portanto, a categoria das profissionais do sexo ainda é colocada à margem da sociedade.

Foucault (1993) destaca que o sexo sempre foi praticado, porém, apenas na modernidade ele se torna manifesto e cónito. A sexualidade é praticada de forma diferente conforme as sociedades e os espaços temporais, permeando-se na linha tênue entre o sagrado e ímpio.

Do ponto de vista histórico, sabe-se que a prostituição feminina é uma atividade que acompanha a humanidade desde suas antigas civilizações (Silva e Cappelle, 2015). Meneghel *et al.* (2013) destacam que as prostitutas apresentam um risco sessenta vezes maior de sofrer assassinatos quando comparado a outras mulheres que não fazem parte dessa categoria. Contudo, devido ao preconceito, é concebida pouca credibilidade para as testemunhas. Destaca-se ainda, segundo os autores, que a maioria dos assassinos são os próprios clientes, tratando-as como mercadoria, submissas, podendo, inclusive, matá-las.

No Brasil, a prostituição está ligada ao termo programa, significando acordos sexuais em troca de dinheiro. O sexo acontece dentro de um tempo delimitado e, podendo ter diferentes modalidades, os valores são variáveis, assim como o local onde o ato ocorrerá. Quanto a esse último aspecto, os programas podem ocorrer em apartamentos, bordéis, dentre outros locais previamente acordados (Piscitelli, Assis e Olivar, 2011; Paiva, 2020; Pena e Silva, 2021).

Acerca dos motivos que fazem as profissionais do sexo manterem-se na profissão, tem-se a falta de oportunidades e a baixa renda. Diante disso, a prostituição surge como uma atividade rentável (Cerqueira, 2021).

O Código Penal brasileiro (Cap. 5, artigos 227 a 231) diz que a prostituição, quando executada por maiores de 18 anos, não é considerada crime. Caracteriza-se dentro do eixo da criminalidade somente sua exploração ou lenocínio (Piscitelli, Assis e Olivar, 2011). Oliveira (2008) destaca que desde 2002 o Ministério do Trabalho legitima a prostituição como uma atividade de cunho profissional e legal, descrito na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) sob o código 5198-05, ocupando o grupo 5, e sendo descrita como “profissionais do sexo” (Ribeiro, 2017). Essa profissionalização ajuda a amenizar o mal-estar frente à prostituição, dando ênfase ao fato de que o ato sexual pode ser mediado pelo prazer e pelo dinheiro, tornando tal ação menos indigesta (Ribeiro, 2010).

Rosa Cobo, em seu livro "La prostitución en el corazón del capitalismo", em 2017, rejeita a visão da prostituição como uma escolha livre das mulheres, destacando como a pobreza, o abuso sexual na infância, a falta de oportunidades e outras formas de opressão influenciam a entrada das mulheres na prostituição.

## 2.2 Dimensão de contexto

O contexto de trabalho deve ser estudado com base na seguinte divisão de dimensões: i) condições de trabalho; ii) organização do trabalho; iii) relações de trabalho (DEJOURS, 1992). No que diz respeito às condições de trabalho, estas se relacionam com os elementos do ambiente de trabalho e, para Dejours (1992), podem se subdividir em: físicos (barulho, temperatura etc.), químicos (poeira, gases etc.) e biológicos (vírus, bactérias etc.). Além disso, devem-se considerar ainda os elementos ligados à higiene e à segurança. Mendes e Ferreira (2008) abordam que as variáveis matérias-primas, equipamentos, remuneração, dentre outras, também se integram nesse primeiro quesito. Com base nisso, pode-se afirmar que tal dimensão também pode auxiliar no processo de sofrimento do indivíduo, tendo em vista que pode transformar o trabalho em penoso ou agradável (Carrasqueira; Barbarini, 2010).

Para que haja saúde nos trabalhadores é necessário um engajamento entre as condições, organização e relações sociais no trabalho a fim de evitar os riscos ocupacionais. Destarte, os riscos se subdividem em algumas categorias, a saber: a) químicos: substâncias danosas; b) físicos: temperaturas, umidade, ruído etc.; c) biológicos: contato com elementos infectados; d) acidentes: uso inadequado de máquinas e equipamentos; e) ergonômicos: desconforto físico ou mental; e) psicossociais: envolvem as condições de trabalho e a satisfação dos indivíduos (Mesquita *et al.*, 2016).

A organização do trabalho, moldada pelos preceitos tayloristas, envolve aspectos, como: divisão do trabalho, conteúdo dos procedimentos, hierarquia, relações de poder, comando e divisão do trabalho (Dejours, 1994). Os elementos que a envolvem perpassam por categorias formais e informais que devem ser cumpridas (trabalho prescrito) e representam modelos de gestão existentes e em funcionamento (Mendes e Ferreira, 2008).

Além disso, tem-se que a organização do trabalho pode criar uma atmosfera de risco, dada a rigidez mencionada, podendo causar desequilíbrios, fadiga e tensão, como ocorreu na metodologia Toyota, na qual houve controles excessivos a fim de aumentar a produtividade (Dejours, 1992; Bernardo, 2009). Em contraponto, quando o trabalho é organizado de modo satisfatório, a saúde do trabalhador é favorecida.

No que diz respeito às relações de trabalho, Dejours (2004) aborda que o trabalho permite ao indivíduo criar vínculos sociais por meio das interações hierárquicas e tipos diversos de *stakeholders*. As relações de trabalho envolvem interações de três tipos: i) interações hierárquicas (envolvendo as chefias); ii) interações coletivas intra e intergrupos (com membros da equipe de trabalho e grupos adversos); iii) interações externas (relações com consumidores, fornecedores etc.).

A acepção das relações no trabalho envolve os laços afetivos construídos entre os colegas e chefia no ambiente laboral, permitindo que o indivíduo se relacione socialmente (Sousa e Santos, 2017). As relações sociais são consideradas pertinentes como fontes de favorecimento ou não para construção da identidade individual, juntamente com o enfrentamento de conflitos (Dejours, 1992; Dejours, Abdoucheli e Jayet, 2010).

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa, que tem como foco as vivências do contexto de trabalho, especificamente em casas noturnas, em intersubjetividade das e na perspectiva das participantes (Minayo; Costa, 2018). Para tanto, participaram do estudo onze prostitutas brasileiras que trabalham e/ou já trabalharam em casas noturnas.

Para atender aos preceitos éticos, antes das entrevistas as participantes foram informadas sobre os objetivos do estudo, bem como orientadas quanto aos benefícios e custos a que estavam submetidas durante a entrevista e do seu livre arbítrio em participar ou não do estudo e/ou ainda de interromper a sua participação em qualquer momento da pesquisa. Além disso, foi assegurado o anonimato das mesmas e feito todos os esclarecidos sobre a condução, registro e apresentação dos dados.

Todas as entrevistas foram realizadas via *WhatsApp*, entre os meses de janeiro e fevereiro de 2021, por uma das autoras deste trabalho, em que as perguntas e respostas foram apresentadas por mensagem de áudio. O roteiro semiestruturado das entrevistas versava sobre: dados pessoais; história de vida; significado do trabalho; organização e condições de trabalho e relações socioprofissionais das participantes; bem como sobre as estratégias de defesa utilizadas por elas para lidar com o sofrimento causado pelo contexto de trabalho.

Para efeitos de coleta de dados, realizou-se o mapeamento e contato inicial por meio de redes sociais. A listagem com os números das profissionais do sexo encontrava-se no site Skokka. Destaca-se que o site realizava um filtro mediante a proximidade geográfica da pesquisa, elencado pela pesquisado por conveniência.

Foram contatadas em média 100 profissionais do sexo cisgêneras, das quais apenas 4 aceitaram participar da pesquisa com o convite inicial via *WhatsApp*. Cada entrevista durou em média 45 minutos. Ao final de cada entrevista era solicitado que as informantes indicassem outra colega para participar da pesquisa, operacionalizando assim o método da amostragem em bola de neve. O método bola de neve, ou *snowball* pode ser vantajoso para localizar sujeitos de

difícil acesso e/ou imprecisão quanto ao seu quantitativo e em pesquisas que lidam com questões melindrosas e de cunho privado (Vinuto, 2014), como é o caso desta.

Importante salientar que após a oitava entrevista, as pesquisadoras já tinham identificado a saturação dos dados, mas prosseguiram com as outras três, que já estavam contactadas, a fim de captar mais nuances sobre o contexto de trabalho das participantes do estudo. Tal procedimento, atende as recomendações de Minayo (2017) sobre amostragem e saturação em pesquisas qualitativas. Ao final as entrevistas foram transcritas e seus conteúdos analisados como indicado por Bardin (1977).

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 Caracterização das participantes do estudo

A idade das entrevistadas varia entre 21 e 39 anos. Quatro começaram a se prostituir com menos de 21 anos. Excedo uma divorciada e uma separada, a maioria são solteiras. Cinco tem filhos. Quanto a escolaridade, quatro tem só até o ensino fundamental, cinco tem o ensino médio, uma começou um curso superior e a uma é formada em enfermagem. Importante salientar que para efeito de apresentação das informações coletadas, por preceitos éticos, foram usados nomes fictícios. O Quadro 1 traz uma síntese sobre as informações pessoais das participantes deste estudo com seus respectivos nomes fictícios.

**Quadro 1 – Informações pessoais das participantes do estudo**

Nome fictício	Idade	Idade que começou	Estado civil	Filhos	Escolaridade
<b>Natasha</b>	29	18	solteira	não	ensino fundamental
<b>Rebeca</b>	33	24	solteira	sim	ensino fundamental
<b>Jessica</b>	31	26	solteira	não	superior enfermagem
<b>Kelly</b>	26	23	solteira	não	ensino médio
<b>Camila</b>	30	19	divorciada	não	ensino médio
<b>Mel</b>	22	21	solteira	não	ensino médio
<b>Barbara</b>	39	24	solteira	sim	ensino médio
<b>Paloma</b>	?	há 3 anos	solteira	sim	ensino fundamental
<b>Dani</b>	25	20	solteira	sim	ensino fundamental
<b>Nicole</b>	21	19	solteira	não	superior incompleto
<b>Sabrina</b>	28	27	separada	sim	ensino médio

**Fonte:** Dados da pesquisa (2021)

A escolaridade também é um elemento pertinente de destaque, tendo em vista que elas possuem, em sua maioria, apenas o ensino médio completo, realidade evidenciada em consonância com Ribeiro (2010). É relatado com frequência pelas investigadas essa falta de qualificação como o motivo que as fazem permanecer na prostituição

### 4.2 Contexto de trabalho

As condições de trabalho abrangem os aspectos físicos, químicos e biológicos do ambiente laboral. Isso inclui também as condições de higiene, segurança e características físicas relacionadas ao trabalho. Nessa dimensão, considera-se a influência desses elementos no corpo dos trabalhadores, podendo resultar em desgastes e doenças físicas (Dejours, 1992).

No que diz respeito ao contexto de trabalho, emergiram categorias para cada uma de suas dimensões. Na sequência uma descrição sobre cada uma. Em suma, as participantes foram

unânicos em afirmar que é muito variável, **a depender do local**, do estabelecimento. Os relatos dessa categoria de resposta estão expostos no Quadro 4.

**Quadro 4 – Condições de trabalho das participantes do estudo**

Categorias	Relatos
<p><b>A depender do local</b></p>	<p><b>Tinha casa que os quartos era com ventilador e tinha casa que os quartos era com ar, entendeu?</b> E sim, sim, era limpo, era limpinho, uma comida boa. (Natasha)</p> <p>Assim, a questão de limpeza, de tudo, <b>ai vai depender do canto, né, do ambiente</b>, porque tem muitos cantos, é como se fosse um ambiente de trabalho normal, uma casa normal se você não limpar fica sujo, né? <b>Tem uns cantos mais simples e tem uns cantos melhores</b>, então isso varia, né? Eu já trabalhei em uma casa que era bom para ganhar dinheiro, mas a higiene era zero. (Rebeca)</p> <p>Você sabe que com questão de segurança ninguém tá seguro, né? Mas, era sim, é... Com ar-condicionado, quartinho bonitinho, limpinho [...]. Varia muito de casa pra casa. (Jessica)</p> <p>A maioria das casas, é... elas realmente têm uma... uma higiene bem básica, sabe? [...] Então, a gente se submete a muita coisa, a muita coisa mesmo. E geralmente nas casas tem segurança, certo? Sempre tem um ou dois, certo? Então assim, mas a violência ela existe, né? [...]. A segurança é bem relativa, <b>depende da casa</b>, depende da disponibilidade do segurança [...]. (Kelly)</p> <p>Mulher, é limpo lá, entendeu? É muito organizado, é higiênico, entendeu? É limpinho lá! O quarto tem ar-condicionado, é bem... é bem confortável. <b>Agora já aconteceu de eu ir pra um canto e não ter essa organização</b>, entendeu? O quarto um pouco meio desconfortável, já chegou o banheiro não ter, tipo, papel, sabonete, alguma coisa assim. (Paloma)</p> <p>Pronto, <b>nas boates que eu fui são bem-organizados</b>, são limpo! É um espaço bem agradável. <b>Agora já nos brega, nos cabaré já tem alguns que já são mais desorganizado</b>, já são mais sujo, que até quando eu vejo assim que, que não é muito limpo, as vezes eu nem fico por muito tempo. Mas nas boates que eu fui são todas limpas e bem confortável. (Dani)</p> <p>[...] <b>depende muito</b> do, da cidade que você vá e depende muito do dono. E todas que eu andei é com boas condições porque eu não ando, não andava em todas as casas noturnas que me passavam o número e que me convidavam. É... questão de segurança, não é seguro porque é um local que fica aberto durante a noite [...]. É... questão de higiene, sim, todas que eu andei eram muito bem, é... limpas... toalhas, quartos... Até o local que a gente dormia sempre era muito limpo, nunca andei em nenhuma, assim, em situação precária não. (Nicole)</p> <p>[...] <b>algumas sim, outras não</b>. É... que eu passei... Teve uma que [...] as condições lá eram péssimas, os quartos eram os mesmos quartos que a gente fazia o babado também, só que o banheiro num, num tinha chuveiro, aí era horrível, horrível, muito sujo, muito imundo, sabe? É... nos outros lugares foi mais tranquilo, foi mais tranquilo... Limpo, é... os quartos, os ambientes, a maioria são separados, os quartos das meninas... tem os quartos, a maioria tem câmara, entendeu? A maioria desses cabaré tem câmara, entendeu? Pra não acontecer de ter um roubo e tal. Então, assim, a maioria é bem-organizado. (Sabrina)</p>

**Fonte:** Dados da pesquisa (2021)

Várias entrevistadas destacam a importância da limpeza e da organização nos locais de trabalho. Algumas mencionam a presença de ar-condicionado, quartos confortáveis e higiênicos, enquanto outras relatam experiências negativas, como falta de limpeza, banheiros sem condições adequadas e ambientes desconfortáveis. Além disso, as questões de segurança também são fragmentadas, variando de acordo com os estabelecimentos, como a presença de seguranças, câmeras de vigilância e até mesmo a ausência dessas medidas em alguns locais.

A partir de então, pode-se inferir que a questão da segurança deixa lacunas na satisfação, emanando riscos de violência, assaltos, dentre outros delitos (Rodgers; Shahid; Williams, 2019; Medina-Zairate, 2018).

Em continuidade à análise, tem-se o prisma da não aceitabilidade, isto é, a recusa por condições de trabalho desumanas, precárias (Oliveira, 2008), que assolam sofrimentos (Dejours, 1992).

Observa-se que, as entrevistadas trouxeram diferenças ao classificar os locais de prostituição entre boates, conhecidas como casas noturnas, e cabarés, que são aqueles locais que hospedam as garotas, oferecendo, em alguns casos, refeições de café da manhã, almoço e janta. Acerca disso, vale lembrar as tipologias elucidadas por Oliveira (2008), subdividindo entre aquelas de baixo meretrício e as de prostituição de luxo. Estas últimas são encontradas em boates noturnas, casas de massagem, *sites*, entre outros ambientes; já no que concerne às primeiras, estas localizam-se, de modo geral, em locais insalubres como as ruas e esquinas. Tal abordagem justifica, portanto, as exigências por melhores condições de trabalho associadas ao ambiente laboral das boates, tendo em vista que acomodam a “prostituição nobre”. Em suma, tem-se que as condições laborais como um todo carecem de melhorias, principalmente no que se associa à segurança e à quantidade de horas de trabalho.

No tocante a organização do trabalho emergiram quatro categorias de respostas, a saber: **pressão para beber, exigência de usar salto alto, obrigação de trabalhar a noite toda, pagamento do local variável.**

De acordo com a concepção de Dejours, a Organização do Trabalho engloba a divisão das tarefas, os métodos para sua realização, o conteúdo das atividades e as dinâmicas de poder dentro da estrutura hierárquica. Essa dimensão abrange também as diferentes formas de liderança presentes na organização, além das questões de responsabilidade que geralmente se manifestam nos processos de planejamento, organização e supervisão do trabalho (Dejours, 2004).

O Quadro 5 apresenta os relatos para cada uma dessas categorias.

**Quadro 5 – Organização do trabalho das participantes do estudo**

<b>Categorias</b>	<b>Relatos</b>
<b>Pressão para beber</b>	<p>Tem casa que cobra para gente ficar hospedada a semana, dá almoço, merenda, janta. A única coisa que ele vai ganhar é a bebida que as mulheres bebem, <b>tem que beber para poder consumir</b>. [...] tem que beber. (Natasha)</p> <p>em casa noturna, de passar noites [...] sendo obrigada, né, a beber, a fazer coisas que, para a gente aguentar a noite, né. ... [...] porque essa casa noturna, [...] tem casa de programa que eles querem que a gente beba, <b>é obrigado a beber todos os dias</b>, é não pode isso, não pode aquilo., [...] <b>a gente tinha que dá lucro na casa com a bebida</b>, né?. Então, isso aí é uma pressão, né? (Rebeca)</p> <p>Na mesa do cliente e tudo, e <b>toma a bebida do cliente, faz o cliente dá lucro pra casa</b>, né? <b>Ficar bebendo</b>. [...] sem contar que tem a pressão do dono, <b>tem que beber</b>, tem que beber, (Jessica)</p>

	<p>E gastar com as bebida lá que é pra dar lucro pra dona do bar, né? [...]. Porque <b>tem que beber direto</b>, [...] tipo assim, <b>quer porque quer que a gente enchesse o rabo de bebida</b>, entendeu? E eu acho que... Que uma pessoa que trabalha nessa vida não precisa ficar bêbada, né? Eu acho que a pessoa que trabalha nessa vida pra ficar bêbada, queima é o filme. E tinha muito isso de que "Aí tu tem de beber, [...]". (Dani)</p> <p><b>Tem a regra de você consumir bebida alcoólica</b> ou algum tipo de coisa, energético, e qualquer coisa que dê lucro a casa. Como eu não bebo, geralmente, é... eu peço ao cliente e derramo a bebida e não bebo, deixo lá esquentar, entendeu? Porque, geralmente algumas dela oferece hospedagem e alimentação, que são as que cobram mais, tipo, que <b>pedem pra gente beber</b> e tal, e tem outras não, [...]. (Nicole)</p>
<p><b>Exigência de usar salto</b></p>	<p>[...] na casa noturna, na casa noturna você passa a noite todinha, vai em mesa, vai em outra mesa, fala com um, fala com outro, <b>fica de salto</b>, (Natasha)</p> <p>[...] em casa noturna, [...]. Então, a gente é pressionada por conta disso, ah 8h já é obrigado você está no salão, arrumado, <b>de salto alto</b> e arrumada. Por que senão você já leva uma multa, alguma coisa tipo assim, está entendendo? (Rebeca)</p> <p>[...] sem contar que tem a pressão do dono, [...] tem que <b>ficar de salto</b>, é uma pressão muito absurda na cabeça da gente, entende? (Jessica)</p>
<p><b>Obrigação de trabalhar a noite toda</b></p>	<p>na casa noturna, na casa noturna você <b>passa a noite todinha</b>, [...] (Natasha)</p> <p>em casa noturna, de <b>passar noites acordada</b>, [...]. Aí eu passei uns anos ainda trabalhando dessa forma, em casas noturnas, muitos, muitas noites, muitas noites, todo dia, tinha que trabalhar de segunda a segunda, e foi me cansando, [...] às vezes a gente sente pressionado sim, porque muita casa quer tem horário, está entendendo? Os horários para você entrar no salão, tem horário para dormir, tem horário até para entrar no quarto [...]. Por que senão você já leva uma multa, alguma coisa tipo assim, está entendendo? Então, isso, eles tão lhe pressionando a trabalhar, né? <b>Você não pode dormir antes, não pode se deitar antes das 3h</b> da manhã, <b>tem casa que só pode dormir quando a casa fecha</b>. (Rebeca)</p> <p>[...] sem contar que tem a pressão do dono, [...] <b>hora pra entrar no salão, tem hora pra sair do salão</b>, [...] é uma pressão muito absurda na cabeça da gente, entende? (Jessica)</p> <p>Porque casa de drink <b>você tem que passar a noite toda acordada</b>, até a hora de fechar, por exemplo. A de São Paulo abria de sete hora e fechava de cinco da... da manhã, aí você tem o dia todinho pra descansar, entendeu? (Camila)</p> <p>Mulher, assim, tem casas que abrem sete hora, tem umas que abre oito horas da manhã, né? E vai até no outro dia, tem outras que, [...] vai depender, né? As... as partes das boate, o horário as vezes é... abrem a noite, né? No caso, tem umas que abrem a noite, funciona! A noite não, assim, a partir de um... de uns horariozinhos da tarde e <b>vai a noite toda até de manhã</b>, assim, tem vários horários, né? (Paloma)</p>
<p><b>Pagamento do local variável</b></p>	<p><b>Tem casa que cobra para gente ficar hospedada</b> a semana, dá almoço, merenda, janta. A única coisa que ele vai ganhar é a bebida que as mulheres bebem, tem que beber para poder consumir. Mas sobre o programa é fora parte, sobre o programa é fora parte. [...] Aí tipo ele paga, você fala quanto é o programa e ele paga o quarto ou paga pra ir pro motel, só que se eu for pro motel com ele a casa cobra</p>



R\$ 50 reais, tem casa que cobra R\$ 100 pela minha saída de uma hora, mas caso eu fique na casa não paga nada, paga só se for o quarto e eu outra coisa. (Natasha)

[...] eu comecei a viajar, mas aí eu só trabalhava em casas, né, em boates, nesses cantos. Então eu ia, ficava hospedada nas boates, aí lá eles davam direito a alimentação, a hospedagem e tudo, mas por em troca **a gente pagava pelos quartos, cada programa que nós fazia e pagava, pagava saídas se a gente fosse pro motel atender alguém por fora**, né, e também, a gente por troca da comida e da hospedagem, a gente tinha que dá lucro na casa com a bebida, né? (Rebeca)

É tipo assim, **é o valor da casa é R\$ 200,00 reais, R\$ 150,00 da menina e R\$ 50,00 da casa...** O cliente chegou, gostou da menina, e você vai lá, se apresenta, é... e ele, o cliente gosta, aí pronto! Você fica no... no... na mesa do cliente [...]. E depois quando o cliente decidir fazer programa ou então você fica insistindo pra ir logo pra poder você sair da mesa. Depois que termina o programa o cliente vai embora ou o cliente fica na mesa e você sai já pra atender o próximo cliente que tá a fim de sair com você. (Jessica)

Nas casas de shows, boates, assim, a gente pega o cliente lá, vai pro motel, né? Vai pro motel mais próximo da casa, depois o cliente deixa lá e **a gente presta conta sempre no final da noite**, a gente sempre presta conta no final da noite e devolve um valor X, então assim, depende muito da quantidade de programas que eu faço, certo? (Kelly)

**Não cobram** pra ficar na casa lá, a gente tem comida, almoço café e janta, as vezes mais almoço e janta... Não, não paga nada em São Paulo, não! As casas que eu fui lá são maravilhosas! Agora existe outras cidades que... que... que **cobra a diária** da menina [...]. Cobram das meninas R\$ 200,00 reais por semana pra elas ficar hospedada. [...]. (Camila)

Por que assim, essa agência que eu entrei, que eu trabalho pra ela, ela é uma agência, mas ela também é boate, entendeu? Também tem a boate, aí se você quiser você trabalha na boate a noite ou se você não quiser você pode trabalhar atendendo cliente num motel ou num apê, né? Elas agendam, faz o agendamento com o próprio cliente e passa pra gente, entendeu? E aí, a gente faz o atendimento da pessoa... **O pagamento é por semana lá, e a porcentagem dela, ela tira só na parte mesmo do quarto.** (Paloma)

[...] dos que eu fui é só R\$ 30,00 reais do quarto que é pra dona, né, do bar. O resto é meu, não tinha nada de dez por cento e... ficar com a metade do meu dinheiro, graças a Deus que eu não passei por isso ainda. Porque tem alguns lugares que fazem isso, que fica com o dinheiro da trabalhada da pessoa. Mas o meu não, no meu... Nós que eu já fui o dinheiro era comigo na minha mão, o tanto é meu. Dou só a porcentagem do quarto, é trinta do quarto e pronto. E gastar com as bebida lá que é pra dar lucro pra dona do bar, né? (Dani)

[...] hoje em dia eu só trabalho em sites, [...], fico em hotel, pousada e atendo pelo site, porque pra mim é menos desgastante e até preservo mais minha imagem. E geralmente as pessoas que pagam melhor e tem mais, é... dinheiro, eles procuram mais meninas se site, por também querer alguma coisa discreta. [...]. Geralmente essas casa noturna, **é... 90% nosso, 80% nosso**, e fica 10 a 20 por cento do lucro pro dono, no caso. [...] (Nicole)

Trabalho pelo site, trabalho nas boates, né? No caso, os famosos cabaré. [...] porque o cabaré, ele hospeda a menina, entendeu? A gente dá um valor X por

	<p>semana, e... daí você... você tem direito a alimentação, café da manhã, almoço e janta. Daí, e você trabalha pelo site durante o dia e a noite na casa, entendeu? [...]</p> <p>R: E nos cabaré, quando a gente se hospeda nos cabaré <b>a gente paga um valor X na semana</b>, toda semana a gente pagar, tipo, esse cabaré que eu tô eu pago R\$150,00 na semana. Daí, eu tenho direito a... Aí a noite, a partir das 18h da noite se eu sair pelo site eu tenho que pagar R\$50,00 reais a taxa do cabaré, pra poder atender meu cliente. (Sabrina)</p>
--	--

**Fonte:** Dados da pesquisa (2021)

As entrevistadas destacam a pressão para consumir bebidas alcoólicas nos locais de trabalho, como casas noturnas e boates. Esse consumo é muitas vezes uma exigência para garantir o lucro para a casa, e algumas mulheres relatam que são obrigadas a beber, mesmo que não queiram. Outra pressão comum mencionada é a necessidade de usar salto alto durante todo o expediente. Essa exigência pode ser considerada desconfortável e até mesmo prejudicial à saúde física das trabalhadoras. Além disso, as mulheres descrevem a obrigação de trabalhar durante toda a noite, sem permissão para descansar antes de determinado horário estabelecido pelos proprietários dos estabelecimentos e discutem diferentes arranjos de pagamento pelos serviços prestados.

Conforme se observa nas falas, em unanimidade, os relatos revelam que há uma ampla exigência para que as garotas de programa se mantenham atuantes durante o funcionamento da casa, ao que nota-se que esta é uma das exigências de sua profissão.

Há uma necessidade do uso da inteligência prática, elencada por Dejours (2011), à medida que se atenta para o resultado final, isto é, os programas realizados e os ganhos financeiros, não incorporando tanto significado ao processo, que então se associa ao desgaste e ao cansaço.

Exige-se sensualidade para seduzir o parceiro que, de início, está consumindo bebidas nos bares das casas noturnas, ou até mesmo drogas ilícitas, conforme evoca Ribeiro (2010); exige-se que as mulheres estejam a portar roupas provocantes, salto alto, maquiagem, cabelo arrumado; exige-se que elas estejam de prontidão para o próximo cliente; em suma, exige-se! Há uma pressão latente nesse ambiente laboral da figura do dono para com a figura das profissionais do sexo, e isso pode causar danos mentais, psíquicos, podendo somatizar em adoecimento (Bouyer, 2010).

Por fim, tem-se que as relações sociais de trabalho têm sua origem na estruturação da organização laboral e abarcam aspectos como hierarquia, liderança, supervisão e coleguismo (Dejours, 1992). Além disso, essas relações englobam interações coletivas dentro e entre grupos de trabalho, bem como interações externas, e estão sujeitas à precarização devido aos processos de individualização laboral (Pujol, 2013).

Assim, a análise emerge aspectos como: **competições, brigas e relações estritamente profissionais até amizades verdadeiras e cooperação**. Ademais, as participantes relataram **destrato dos donos do estabelecimento e desrespeito dos clientes**. O Quadro 6 traz as categorias e relatos das relações socioprofissionais das participantes do estudo.

**Quadro 6 – Relações socioprofissionais das participantes do estudo**

<b>Categorias</b>	<b>Relatos</b>
<b>Competições</b>	[...] ser como se fosse uma família, todo mundo unido. ...Não, você é uma família porque a gente mora junto então tem que se respeitar para conviver bem, <b>mas nem sempre a gente consegue conviver bem, né? A competição existe em todo canto</b> , não importa o que a gente esteja fazendo. Porque sempre uma quer ser sempre melhor, mais bonita do que a outra, sempre, não é só nessa parte. (Natasha)

	<p>Às vezes tem umas que fica com raiva de você porque você fica trabalhando muito, né nem raiva, <b>é tipo um despeitozinho</b>, né, porque você está trabalhando mais do que ela e tudo mais. [...] sempre tem umas que quer ser dona da casa e vem assim, né? Eu dizia logo: “Oh! eu não estou aqui para fazer amizade com ninguém, eu estou aqui para ganhar meu dinheiro e sair fora.” [...] <b>a gente fica um pouco com o pé atrás</b>, né? Que a gente também não conhece, as vezes <b>se decepciona</b> com a amizade, as vezes acha que a pessoa é uma coisa e acaba não sendo, né? (Rebeca)</p> <p>[...] mas <b>tem a concorrência</b>, lógico, né? E todo mundo tá alí com um objetivo, cada uma alí com uma dificuldade, entendeu?...Sempre tem a competição, certo? É... eu tenho sim um elo de amizade com todas elas, mas <b>não deixa de existir uma competição</b>, como até eu te falei, todo mundo tá aí com um objetivo que é de ganhar dinheiro, então assim, quando elas verem que uma tá ganhando mais não tem aquele apoio... "É que bom que você tá conseguindo e tal e tal", não tem. Elas ficam meio assim, meio, sabe? Meio... é... com raiva e tal, mas é só mesmo a competitividade, [...]. (Kelly)</p> <p>Quando você trabalha bem demais <b>a outra fica meio chateada</b>, parece, estressada! (Camila)</p> <p>[...] é tipo uma sobrevivência, cada uma quer, quer o... ganhar mais dinheiro, quer ser mais notada. (Barbara)</p> <p>Mas sempre tem aquelas que sempre <b>quer ser melhor</b>, né? Sempre tem uma ou duas que chega pro cliente, que fica falando mal de você e tal e tal. (Dani)</p>
<b>Brigas</b>	<p>Mas sim, muitas, <b>muitas, muitas brigas</b> também. Afinal, qual é a família que não, que não briga, né? E principalmente como se nós, nós éramos uma família só que era uma família de cada uma com seu gênio diferente. E claro, assim como existia briga, como existe também amizade. (Natasha)</p> <p>[...] às vezes acontecia de uma ou outra discutir lá. [...] mas <b>sempre tem discussões</b> entre as meninas, as vezes por bobagem, entendeu? (Nicole)</p> <p>[...]. Mas, <b>em todo cabaré da confusão, dá briga</b>, [...]. É complicado, mas, a mulher, a rapariga que anda em cabaré, ela tem que ser mente fria. (Sabrina)</p>
<b>Relações estritamente profissionais</b>	<p>[...] <b>eu tentava nem fazer amizades</b> assim não, sabe, porque as vezes não dava muito certo não. Eu ia mais era para mim trabalhar. [...] Então, hoje, hoje eu prefiro andar um pouco só, está entendendo? Do que com amigas porque eu já, tipo me decepcionar um pouco, sabe? Então, tipo, <b>eu prefiro ficar um pouco mais na minha</b> e só mesmo focar mesmo só no meu trabalho, entendeu? (Rebeca)</p> <p>As vezes tem aquela turminha que é na delas quietas, que <b>diz só o oi, é o básico</b> "Oi, tudo bom? Pronto! Mas não é muito de conversar. (Camila)</p> <p>Tanto que as vezes você vai pra um canto e conhece outras pessoas, né? No caso outras meninas e acaba fazendo aquela amizade no ambiente de trabalho, né? Mas, aí <b>saindo do trabalho é cada um no seu canto</b>, mas a gente tem aquele respeito um pela outra, num... nunca existiu atrito não de uma ficar com raiva da outra, negócio de concorrência, essas coisas não. (Paloma)</p>
<b>Amizades verdadeiras</b>	<p>Tenho muitas amigas que eu conheço até as famílias dela, já, elas conhecem a minha e tudo e é tranquilo, tá entendendo? Cada uma tem a sua história, tem</p>

	<p>suas dificuldades [...] quando eu já conheço uma que realmente eu vejo o caráter dela, aí às vezes a gente cria uma amizade, como o tempo, está entendendo? Que se torna <b>amizade mesmo de verdade</b>, eu tenho várias amigas que realmente <b>a gente somos amigas mesmo, de verdade</b>. [...] Então, as amizades verdadeiras mesmo assim que eu tenho, que eu tenho amigas, que eu sei que vou ter amizade com elas para o resto da vida, que elas conhecem meu filho, eu conheço os filhos delas, de eu andar a casa e tudo. (Rebeca)</p> <p>A gente vê muita coisa, nesse... nesse meio também sobre isso, entendeu? Mas, graças a Deus, assim, <b>todas as minhas amigas que eu tive foram todas verdadeiras</b>, já levei umas três pra conhecer minha família, confiei, confio até hoje, pessoas íntegras, discretas, que tipo, eu posso confiar de apresentar a minha família e jamais essas pessoas me trair de dizer o que faz e o que deixa de fazer. (Jessica)</p> <p>Pronto, <b>eu tinha amigas, sim</b>, que a gente desabafava, a gente chorava, a gente conversava. (Dani)</p>
<p><b>Cooperação</b></p>	<p>[...] <b>vai uma ajudando a outra</b>, a gente acaba criando uma amizade, tá entendendo? Eu conheço várias garotas que sei que nem todas são minhas amigas de verdade, são poucas, está entendendo? [...]. Eu sempre sou amiga, assim, sempre elas também me procuram, para a gente conversar. (Rebeca)</p> <p><b>A gente tá todo mundo no mesmo barco</b>, na verdade, né? Todo mundo fica no mesmo barco, então é <b>uma tentando ajudar a outra</b>, uma tentando ajudar a outra. E você sabe que em todo meio da nossa vida sempre tem que ter aquelas pessoas que são as maçãs podres, né? Nesse meio também tem muita maçã podre, mas também tem muitas pessoas bacanas. Já conheci pessoas assim que, nossa! Meu Deus! Anjos! (Jessica)</p> <p>A gente não briga, <b>a gente procura se ajudar</b>, mas [...]. E a gente compartilha sim, muitos problemas. Até porque são elas que estão ali, elas que sabem de verdade o que a gente faz, né? A gente não pode chegar pros nossos amigos e contar, que eles vão levar numa boa, né? Então a gente tem que compartilhar com elas mesmo, né? Então assim, tem muitas amigas minhas assim que... que me ajudam, com questão de... de...de... problema, sabe? (Kelly)</p> <p>A gente se dava super bem! [...]. <b>A gente desabafava tudo</b> que passava uma com as outras [...]. (Mel)</p> <p>[...] as força que eu tinha das minhas amigas de garota de programa, de garota de programa, que elas que... que entende você, pela profissão. ...[...] <b>A gente fica num laço de amizade</b> [...] com as meninas, assim num lugar de cabaré a gente fica com certas... muitas amizades! (Barbara)</p> <p>Sim, mas, todas <b>ajudavam uma outra quando precisava</b>. (Paloma)</p>
<p><b>Destrato dos donos do estabelecimento</b></p>	<p>A dona de lá é excepcional, trata todas do mesmo nível, igual. <b>Nem todos!</b> Mas assim, essas que eu estou falando, é! Mas eu já ouvi falar de donas de casa de uma cidade, de outras cidade, uma delas é Juazeiro do Norte é... Uma dona de casa lá que falam muito mal dela, que ela não é legal com as meninas. Tipo, <b>arrogante!</b> Trata sempre como se tivesse... “Bora todo mundo trabalhar”, num sei o quê, aquele jeito irônico... Eu... eu... no meu caso eu me dou bem com todo mundo que eu não tenho besteira, né? Eu me dou bem com todas as pessoas, mas sempre tem aquela mais... Mais assim, <b>bossal</b>, assim... (Camila)</p>

	<p>Toda dona do bar tem seus estresses, <b>se estressa e acaba descontando</b> nas, nas que trabalha lá. Quando eu vejo que elas estão humilhando demais, eu fico pensando... "Ah, não vai valer a pena eu ficar aqui dando lucro pra ela [...]". Por que tem muitas que gosta de humilhar, né? <b>Muitas donas de bar que gosta de humilhar.</b> (Dani)</p> <p>[...] tem <b>muitos que são chatos, que só pensam no bem de si</b>, mas tem muitos que pensam no bem de todos, entendeu? Então, depende muito do dono, da pessoa, porque do mesmo jeito que existe dono chato, tem meninas que são meio chatas, entendeu? [...] E sim tem muitos donos que reconhecem sim e tem outros que não reconhecem, entendeu? Mas, em modo geral a gente é bem mais amigas uma das outras do que amigas dos donos dos estabelecimentos. (Nicole)</p> <p>Assim, <b>tem deles que reconhece, tem deles que não.</b> Há cheguei a discuti, <b>já tive problema com um dono de cabaré</b> no Juazeiro do Norte, mas a minha sorte que não aconteceu nada porque Deus é fiel, mas é muito, vai muito de lugar para lugar, entendeu? Tem lugar que o dono escuta, então, você pode dar opinião, você pode dizer o que é certo, o que você acha que é errado, mas tem deles que não dão nem... Querem ganhar o dinheiro deles e pronto. (Sabrina)</p>
<p><b>Desrespeito dos clientes</b></p>	<p>Porque tem homens que conhece e imagina assim, já fica sabendo por outras pessoas o que a gente faz, aí imagina assim: "Ah! faz programa". Então <b>acha que qualquer coisa pode levar a gente a fazer sexo com ele</b>, e não é bem assim também, está entendendo? <b>Já chega dando em cima</b>, já vem com umas coisas assim, sabe? E não é bem assim, tem que ser uma coisa da nossa parte de profissão, assim, negociável, uma coisa que tem que conversar na parte do homem, né? Não é chegar aí e levar logo não, está entendendo? [...]. Então, a gente sente preconceito sim, por questão mais é disso, está entendendo? <b>Por as pessoas não confiar</b>, até mesmo, às vezes pelos clientes, preconceito mesmo pelos próprios clientes, por achar assim, ai e que às vezes tem cliente que já até já comentam com a gente que já teve muitas garotas que roubaram eles, tá entendendo, que fizeram isso, que fizeram aquilo, então, às vezes a gente sente um pouco de preconceito. Tipo assim, <b>na hora que eles vão tomar banho, eles pegam e levam tudo pra dentro do banheiro, não deixa nada assim na nossa frente achando que a gente vai pegar.</b> (Rebeca)</p> <p>Mas eu já tive... Já cheguei a ter situações que <b>o cliente não respeita</b>, não respeita o limite da menina, já tive situações de eu chegar... de eu... de eu... de eu atender clientes no motel e quando chegar lá <b>o cliente não querer pagar</b>, não querer fazer o papel dele, achar que a gente é nada, que a gente é cão sem dono, que a gente não vale nada, entendeu? (Jessica)</p> <p>[...] porque as vezes a gente enfrenta preconceito até com homens, né? Ah... desculpa até a palavra: "[...] você escolheu isso, então você tem que apanhar mesmo!". Como eu vejo que o homem já é bem agressivo, eu procuro me distanciar, né? E principalmente quando eu vou pra motel, porque é só eu e ele, então se ele fizer alguma coisa comigo alí, não tenho o que fazer. Então assim, <b>eu já fui agredida muito verbalmente</b>, muito, muito mesmo, [...]. (Kelly)</p> <p>[...] o cara queria fazer sem camisinha e eu disse que não rolava, e aí <b>ele fechou a mão pra me dar um murro e eu sai do quarto correndo.</b> (Dani)</p> <p>E os clientes, <b>tem um ou outro que as vezes quer tirar uma gracinha</b>, quer soltar uma piadinha; mas nesse ambiente também tem como a gente trabalhar e impor respeito. [...] Então <b>sempre tem um cliente chato ou outro</b>, mas em</p>

	<p>relação tem muitos que são muito bons e tem muitos que respeitam sim [...]. (Nicole)</p> <p>[...] em relação aos clientes, [...] tem, <b>sempre tem aqueles atritos</b> em relação porque eles querem dar um valor menos e a mulher quer cobrar um valor a mais, aí eles se alteram em relação a isso, [...]. (Sabrina)</p>
--	--

**Fonte:** Dados da pesquisa (2021)

Há uma forte competição entre as profissionais do sexo, evidenciada pela busca por clientes e dinheiro, e pela rivalidade entre elas. Isso inclui comparações físicas e financeiras entre as profissionais. As brigas são comuns nesse ambiente, seja por questões pessoais ou profissionais. Muitas vezes, essas brigas surgem por motivos triviais, mas também podem ser resultado de tensões competitivas ou desavenças pessoais. E apesar das tensões e competições, algumas profissionais conseguem desenvolver amizades verdadeiras entre si, compartilhando problemas e experiências de vida.

Essa análise mostra a complexidade das relações e dinâmicas presentes no ambiente de trabalho das profissionais do sexo, destacando os desafios que enfrentam em relação à competição, relações interpessoais, e interações com os proprietários dos estabelecimentos e os clientes.

De modo geral, percebe-se a necessidade por espaços coletivos de escuta, ao considerar o bem coletivo e um ambiente laboral saudável. Esses seriam processos de discussões coletivas buscando garantir um espaço para que pudessem explicar aspectos envolvidos aos possíveis sofrimentos ocultos de aspectos diversos que emergiriam nos colaboradores (Mendes, 2007; Mendes; Ferreira, 2008).

Acerca da competição, tem-se que isto é justificado pela possibilidade de desenvolvimento do comportamento normopático por meio da idealização do sucesso profissional, podendo gerar processos competitivos e necessidades de superação, conforme evidenciam Galperin, Ferraz e Sobool (2015).

A relação de trabalho manifestada nas narrativas revela que há a presença de hostilidade no ambiente laboral, apesar da construção de vínculos afetivos (Dejours, 2004). Os relatos que trazem a presença de ambiente competitivo, conflituoso entre si, podem despertar sentimentos intrínsecos que se associam, de modo direto, aos sofrimentos psíquicos (Dejours, 1992).

Destaca-se a existência do processo de cooperação, envolvendo confiança entre os membros, colaboração e bom convívio (Sznelwar; Uchida; Lancman, 2011). Assim, as falas relevam a existência da mobilização subjetiva entre os pares (Hoffmann *et al.*, 2017; Azevedo *et al.*, 2018), por meio do qual o processo de cooperação se fortalece, de modo que é possível considerar tal ato como uma forma de proteção e sobrevivência.

A partir de então, observa-se, com base nos achados da pesquisa, cenários duais, revelando perspectivas opostas como cooperação em oposição à competição ou acolhimento ao atrito. Tais realidades compõem o universo das profissionais do sexo e podem induzir ao surgimento de vários aspectos que se associam à psique.

## 5 CONCLUSÕES

O objetivo desta pesquisa foi analisar as dimensões de contexto que permeiam as vivências das profissionais do sexo pertencentes a casas noturnas. Assim, o objetivo do estudo foi atingido mediante uma pesquisa empírica com as profissionais supracitadas, tomadas como objeto da investigação.

Os resultados revelam que as percepções são múltiplas quanto as condições laborais, à medida que algumas das garotas entrevistadas proferiam a existência de boas estruturas,

enquanto outras narraram realidades opostas, independentemente da localização geográfica das casas noturnas. Ainda se evoca a questão da segurança dessas casas noturnas, que se revelaram como aspectos passíveis de melhoria. Outro elemento central são os horários de trabalho que, nessa profissão, se caracterizam pela irregularidade, exigindo que as garotas se mantenham atuantes durante todo o funcionamento da casa.

Em relação à organização do trabalho, há dualidade nas falas no que se refere à gestão participativa e à gestão burocrática, perfil autocrata dos proprietários das casas noturnas, havendo, portanto, a necessidade de espaços coletivos de escuta. No tocante às relações de trabalho, os achados revelam que, de modo geral, há amizade entre os pares, colaboração, emergindo, portanto, a mobilização subjetiva. Termos como “família” e “amizade” foram evocados nas entrevistas. Não obstante, há a presença de elementos contrários, como a competição, o jogo de egos e a briga pelo desejo dos clientes. Acerca das relações com o cliente, têm-se cenários distintos, onde se vê desde relações de amizade, até, por vezes, desrespeitos, atritos e desentendimentos.

Em uma análise macrossocial, tem-se um cenário sociopolítico desfavorável ao considerar a presença do conservadorismo. Existem tímidos avanços no que se associa a políticas públicas, enfatizando, portanto, os desafios que as profissionais do sexo precisam enfrentar.

Ressalta-se ainda que as profissionais do sexo não devem coadunar com a precarização do trabalho ofertado pelas casas de prostituição, exigindo, portanto, condições mínimas de higiene e estrutura para a execução do seu trabalho. Ademais, é importante haver uma ponderação entre o tempo dedicado ao trabalho e àquele destinado à família, lazer e amigos.

Além disso, tem-se a busca pelo reconhecimento, assunto complexo e envolto de diversos desdobramentos, porém, para isso, faz-se necessário que as prostitutas se conheçam como autoras de sua própria história, legitimando sua luta social e política.

Para as organizações, que atuam na informalidade e ilegalidade dentro da indústria do sexo, recomenda-se que estas adotem condições de trabalho exequíveis para as profissionais do sexo, além da adoção de práticas de gestão democrática, mitigando a precarização no trabalho nesta área. As contribuições teóricas são evidenciadas a partir da perspectiva da compreensão que permeia a dualidade laboral da prostituição, paradoxalmente envolvida com suas vivências.

Como limitações deste estudo, destaca-se a dificuldade para a concessão e execução das entrevistas. Apesar deste estudo ter atendido aos objetivos pretendidos, recomenda-se que sejam realizadas novas investigações teórico-empíricas. A princípio, pode-se inferir que estudos futuros adotem outro delineamento epistemológico, como o hipotético-dedutivo, mensurando, quantitativamente, uma população maior, passível de revelar resultados genéricos.

Finalmente, espera-se que esta pesquisa possa ser encarada como uma porta para estudiosos e pesquisadores da área encontrar novos *gaps* a serem preenchidas, contribuindo, portanto, para a superação de desafios que se associam às vivências cotidianas laborais.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, M. L. M. La prostitución: el “pecado” de las mujeres. Prostitution: the “Sin” of Women. **Cuadernos Electrónicos de Filosofía del Derecho**. n. 35, 2017.
- ABREU, V. B. S. **Entre o marginal e o laboral: o trabalho de garotos de programa da cidade de Fortaleza**. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2014.
- AYUSTE, A.; GIJÓN, M. PAYÁ, M.; RUBIO, L. Social work and prostitution: an approach to educational practices. **European Journal of Social Work**, v. 19, n. 2, p. 204-218, 2016.
- AZEVEDO, C. S. MIRANDA, L.; SÁ, M. de C.; GRABOIS, V.; MATTA, G.; CUNHA, M. Entre protocolos e sujeitos: qualidade do cuidado hospitalar em um serviço de hematologia. **Cad. Saúde Pública**, v. 34, n. 6, 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1977.

BARROSO-PAVIA, Rafael. Modelos ideológicos de regulação da prostituição ou trabalho sexual: abordagem a partir de uma perspectiva jurídica e social. **Oficina do CES**, n. 454, p. 1-14, 2020.

BERNARDO, M. Flexibilização do discurso de gestão como estratégia para legitimar o poder empresarial na era do toyotismo: uma discussão a partir da vivência de trabalhadores. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 12, n. 1, p. 93-109, 1 jun. 2009.

BLITHE, S. J.; WOLFE, A. W. Work–life management in legal prostitution: Stigma and lockdown in Nevada’s brothels. **Human Relations**, v. 70, n. 6, 2017, p. 725–750.

BOUYER, G. C. Contribuição da Psicodinâmica do Trabalho para o debate: “o mundo contemporâneo do trabalho e a saúde mental do trabalhador”. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 35, n. 122, p. 249-259, 2010.

BUENO, M.; MACÊDO, K. B. **A Clínica psicodinâmica do trabalho: de Dejours às pesquisas brasileiras**. ECOS, v. 2, n. 2, 2012.

CARRASQUEIRA, F. A.; BARBARINI, N. Psicodinâmica do trabalho: Uma reflexão acerca do sofrimento mental nas organizações. In: Jornadade Saúde Mental e Psicanálise da PUCPR, 5, 2010, Curitiba- PR. **Anais...** Curitiba – PR: PUCPR, 2010.

COBO, B. R. **La prostitución en el corazón del capitalismo**. Colección Mayor (n.o 633). Madrid: Editorial Catarata, 2017.

CSALOG, Rebeca Amorim. Mulheres (in) visíveis: prostituição, trabalho e migrações nas ruas de Lisboa. **e-Cadernos CES**, n. 35, 2021.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1992.

DEJOURS, C. Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: Lancmann S, Szelwar L.I (Orgs.). **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. 3. ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011.

DEJOURS, C. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, C. Trabalho, Subjetividade e Ação. **Revista Produção**, Paris - França, v. 14, n. 3, p. 1-10. set./dez. 2004.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E; JAYET, C. **Psicodinâmica do Trabalho: Contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 2010.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

GALPERIN, A. M. Z.; FERRAZ, D. L. da S.; SOBOLL, L. A. P. Seleção, Treinamento e Avaliação: As Práticas de Gestão de Pessoas e o Processo de Submissão de Gestores. **Teoria e Prática em Administração**, v. 5, n. 1, p. 80-104, 2015.

HOFFMANN, C. ZANINI, R. R.; MOURA, G. LUIZ. de.; COSTA, V. M. F.; OMORETTO, E. Psicodinâmica do trabalho e riscos de adoecimento no magistério superior. **Estud. av.**, São Paulo, v. 31, n. 91, p. 257-276, Dec., 2017.

HOUAISS, A.; VILLAR, M de S. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: objetiva, 2001.

MEDINA-ZAIRATE, J. Between Formal and Informal Work: Entrepreneurialism in Colombia, **Urbanities-Journal of Urban Ethnography**, v. 8, n.1, 2018.

MENDES, A. M. (Org.). **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 27-62.

MENDES, A.M; FERREIRA, M. C. Contexto de Trabalho. In: SIQUEIRA, Mirlene MariaMatias (Org.). **Medidas do comportamento organizacional: ferramentas de diagnóstico e gestão**. Porto Alegre RS: Artmed, 2008, p. 111-123.

MENEGHEL, S.N.; CECCON, R, F.; HESLER. L. Z.; MARGARITES, F. A.; ROSA, S.; VASCONCELOS, V. D. Femicide: narratives of gender crimes. **Interface (Botucatu)**, v.17, n.46, p.523-33, Jul./Set. 2013.

MESQUITA, S. M. M. M.; SANTOS, C. M. dos.; MACHADO, L. S.; RAMOS, L, F, C.; MACÊDO, K, B. Ergonomia, Psicodinâmica e Riscos. **ECOS, Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 6, n. 1, . p. 136-149, 2016.



MINAYO, M. M. S.; COSTA, A. P. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, v. 40, p. 139-153, 2018. <https://doi.org/10.24140/issn.1645-7250.rle40.01>

OLIVEIRA, M. Q. **Prostituição e trabalho no baixo meretrício de Belo Horizonte**: o trabalho da vida nada fácil. (Dissertação de mestrado em Psicologia Social), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil, 2008.

PAIVA, KELY CÉSAR et al. Mulheres de vida fácil? Tempo, prazer e sofrimento no trabalho de prostitutas. **Revista de Administração de Empresas**, v. 60, p. 208-221, 2020.

PISCITELLI, A.; ASSIS, G. de O. A.; OLIVAR, J. M. **Gênero, sexo, afetos e dinheiro**: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. Campinas, SP: UNICAMP/PAGU, (Coleção Encontros), 2011, 582p.

PUJOL. Trabajo y subjetividad. Trazos para la construcción de una mirada regional. **Trabajo, actividad y subjetividad debates abiertos**, Córdoba: Licencia Creative Commons, 2013.

RIBEIRO, N. C. **O trabalho das prostitutas que residem em casas noturnas**: uma perspectiva psicodinâmica. (Dissertação de Mestrado em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, GO, Brasil, 2010.

RIBEIRO, P. G. C. **E aquela que costura para fora?!:** proposta de glossário para a tabuização e o processo de formação de palavras para prostitutas, no maranhão. (Dissertação de mestrado em Letras), Universidade Federal do Maranhão, São Luís/MA, 2017.

RODGERS, P.; SHAHID, M. S.; WILLIAMS, C. C. Reconceptualizing informal work practices: Some Observations from an Ethnic Minority Community in Urban UK. **International journal of urban and regional research**. v. 43, n. 3, p. 476-496, 2019.

SANDERS, T. Unpacking the process of destigmatization of sex work/ers: Response to Weitzer 'Resistance to sex work stigma.' **Sexualities**, v. 21, p. 736-739, 2018.

SANTOS, A. C.; MENTA, S. A. Refletindo a interface entre trabalho rural e saúde mental dos trabalhadores da citricultura. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 24, n. 4, p. 765-775, 2016.

SILVA, K. A. T. **A luz "vermelha" no fim do túnel: sentidos subjetivos do trabalho na prostituição**. (Dissertação de mestrado em Administração). Universidade Federal de Lavras, MG, Brasil, 2013.

SILVA, K. A. T.; CAPPELLE, M. C. A. Sentidos do trabalho apreendidos por meio de fatos marcantes na trajetória de mulheres prostitutas. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 16. n. 6, Edição Especial, 2015.

PENA S.; ALVES DA SILVA, . P. . TRABALHO SEXUAL E COVID-19: : ENTRE O RISCO E A SOBREVIVÊNCIA. **Revista Espirales**, [S. l.], v. 5, n. 2, 2021. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/espirales/article/view/2769>. Acesso em: 5 mar. 2024.

CERQUEIRA, Paulo Rodrigues; MISOCZKY, Maria Ceci. O tema da prostituição em publicações relacionadas com os estudos organizacionais. **REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)**, v. 27, p. 66-92, 2021.

SOUSA, J. C. de.; SANTOS, A. C. B. A psicodinâmica do trabalho nas fases do capitalismo: análise comparativa do taylorismo-fordismo e do toyotismo nos contextos do capitalismo burocrático e do capitalismo flexível. **Rev. Ciênc. Admin.**, Fortaleza, v. 23, n. 1, p. 186-216, jan./abr. 2017.

STONE, M. M. "If He Looks Clean...": Condom Use Decisions in Prostitution. **Deviant Behavior**, 2019.

SZNELWAR, L. I.; UCHIDA, S.; LANCMAN, S. A subjetividade no trabalho em questão. **Tempo Social, Revista de sociologia da USP**, v. 23, n. 1. 2011.

VIEIRA, Marcos Borges; DE ALMEIDA PRAXEDES, Leide; DO NASCIMENTO, Fábio Mesquita. Condições de trabalho das profissionais do sexo e as dificuldades de monitoramento de saúde pelo SUS: uma revisão. **Brazilian Journal of Development**, v. 9, n. 05, p. 17498-17507, 2023.

VINUTO, J. Amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa, um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 22, p. 203-220, ago./dez. 2014. <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>.